

# ABOLICIONISTA

Orgão Litterario e Literário  
DOS TYPOGRAPHOS DA «REGENERAÇÃO»

REDACTORES:

DR. JOAQUIM DOS REBECCOS MONTBIEG, FRANCISCO MARGARIDA, JOSE PRAECE,  
ARAÚJO FIGUEREDO, LUIZ NEVES, CARLOS DE FARIA, FIDIMMO COSTA, FRUNO CARDOSO

N. 16

Desterro, 1º de Março de 1885

Anno I

## EXPEDIENTE

## Publicação quinzenal

ASSIGNATURA:

POR MEZ , , , 500 rs.

COLLABORADORES DIVERSOS

## ABOLICIONISTA

Desterro, 1º de Março de 1885.

MONTESQUIEU, ROUSSEAU,  
PADRE RAYNAL E A  
ESCRAVIDÃO

A sympathica e humanitaria propaganda abolicionista do elemento servil, embora tenha adquirido enorme desenvolvimento no paiz, luta infelizmente com o cego interesse dos senhores e com a má vontade de muitos homens politicos.

A agitação que se sente por toda parte, os triumphos ex-blendidos que nobilitaram o Ceará, o Amazonas e o Rio Grande do Sul, não impedem que a idéa abolicionista caminhe ainda timida e vacillante em outras províncias.

Aos que estão ainda convencidos da legitimidade da propriedade escrava e da justiça

do seu anachronico direito submetemos as opiniões dos tres eminentes philosophos que honraram a civilização francesa.

O grande Montesquieu no «Esprit des Loix», livro XV, capt. IX escreveu: «Ouve-se dizer todos os dias que seria bom que entro nós houvessem escravos. Mas para bem julgar isto, não é necessário examinar se elles são úteis à parte rica e voluptuosa de cada nação; sem dúvida seriam úteis; mas considerado sob outro ponto de vista, eu não creio que nenhum dos que a compõe quizesse tirar a sorte para saber quaes os que deviam fórmar a parte livre da nação que seria livre e a que seria escrava...

«O grito em favor da existencia da escravidão é pois o grito do luxo e da voluptuosidade e não o do amor e da felicidade publica».

João Jacques Rousseau no seu «Contrat social», livro I, capit. IV consagrhou algumas páginas a escravidão.

Todo o odio que semelhante instituição pode inspirar alli faz explosão em pequenas phrases, rápidas, aceleradas. Diz elle: «Em qualquer sentido que se tomem as cousas, o direito sobre o escravo é nullo, não só porque é illegítimo, co-

mo também por ser absurdo e nada significar.

«As palavras escravo e direito, são contraditorias e excluem-se mutuamente».

Ao dogmatismo incisivo de Rousseau o padre G. F. Raynal apresenta o irresistivel apolo dos factos.

O que era então político conhecido o—recrutamento dos escravos o trafico a organização da escravidão nas colonias e todos os seus horrores, foram pela primeira vez denunciadas verberados pelo Padre Raynal na sua—«Histoire philosophique et politique des établissement des Européens dans les deux Indes. Paris 1820».

No commovente capitulo que se occupa com a escravidão contenta-se em narrar singelamente; esta narrativa é tão serena, tão comedida que o leitor pergunta por muito tempo se o autor é partidario da escravidão. Lêde sempre, lêde por diante, ao voltar uma pagina o tom muda repentinamente, a voz eleva-se e engrossa, a phrase espuma, as descripções calmas são succedidas pela indignação violenta, onde se entrevê a alma de Diderot.

E degradar a razão exclama Raynal, empregal-a, não dirá para defendel-a, mas para combater mesmo um abuso

tão contrario á razão. Quem justifica um tão odioso sistema merece do philosopho o maior desprezo e do negro uma punhalada. A natureza deu-nos o direito da defesa e não deu a ninguém o de atacar qualquer direito.

Todo aquelle que justifica a escravidão merece na opinião dos notável historiador uma puhalada no coração. Todo aquelle que sustenta o sistema da escravidão é inimigo da espécie humana: «il la partage en deux sociétés», diz textualmente, «assassins légitimes; les oppresseurs et les opprimés».

Revolta-se contra o direito da escravidão porque é o direito de commetter toda sorte de crimes.

O maior temima é pedindo por aí dia outri Spartaco, mas se cunha e abyras.

Se mincam ento e interessem direitos só de vossa aliança, unidas à Europa, escravame obidu!

Vossos escravos não cardeam-lhe vossa generosidade, nem levarão conselhos para quebrarem jogo que os opprimeis. Não falam nos negros senão em chamas, e uns bravos para comandar, e a vingança e a extermínio. Onde existe este grande homem que a natureza deu talvez a honra da espécie humana?

Onde está o novo Spartaco que não encontrará outro Crassol? Então desaparecerá o «codigo negro». E o «codigo branco» será receivel se o venceedor não consultar senão o direito de repressions!»

Assim, pois vê-se, que o Padre Raýnal julga que as sympathias só por si não bastam na causa abolicionista: il fallait passer a l'action».

Entretanto no Brazil em plena Camara dos deputados e

no Senado os que têm defendido na imprensa com a maior moderação e nos tribunaes os direitos desses miseraveis considerados escravos, tem sido injuriados com epitetos infamantes quando apenas querem a abolição de uma tyrannia que fere os direitos do homem consagrados nos códigos de todos os povos.

Felizmente acompanhamos, a nós que concitamos o ódio dos grandes por advogar o interesse dos miseraveis, que nos que fizemos apressadamente para diminuir o prejuizo dos proprietarios, que marcharam com ferro em brasa a mercê culpada do governo, que sacrificamos o nosso tempo, a nossa actividade, a nossa tranquilidade de espirito, tudo isso sem desejarmos a menor recompensa, e acompanhamos a multidão dos brasileiros de todas as classes que assilhem e aplaudem a propaganda abolicionista feita com dever ser por um povo eleito da civilização sobre o solo desta parte da America tão regada sempre pelo sanguine de bárbaras conquistas.

Há de plantar-se no grosso solo a arvore da liberdade sem nenhum sacrifício de vidas nem tristezas de coração. Vicejard, como disse já um nosso e Hoga-la imprensa, como o monumento da nobreza e elevação de sentimentos do povo brasileiro.

Bahia—Cidade da Feira de Sant'Anna, Janeiro de 1885.

DR. J. DOS REMEDIOS MONTEIRO.

### A escravidão

(A' João Clapp)

Eu te conheço João Clapp. Sei até onde chega a generosidade do teu coração, e a grandeza de tua alma!

Tua santa familia te imita, porque no ninho que habita a virtude abriga-se os anjos do bem.

Tens razão João Clapp!

Combatte a escravidão extinguindo-a é obra de sueldo valor.

Quando aquelles pobres negros, fugidos das senzalas dos seus senhores por causa do «azorrague», vierão esperar-te no caos Ferry em Nittheroy, implorando compaixão, para si, mostrando seu corpo cansado pelo trabalho excessivo, e chagado pelos maus tratos que recebeão, amarrados ao tronco, e ao estalar dos chicotes, tu compadecido, e vendo ao extremo ponto que chega a torpeza e ignominia de tais «senhores», as lagrimas se deslizarão de teus olhos, e não temeste affrontar o ódio e rancor d'aquelle que julgava com o seu ouro fumarste eras.

Encontraste então um companheiro querido, e cuja alma grandiosa, reconse parafei comigo.

Esse companheiro, esse amigo, desde então, sofreu também todos os epithetos inumidos, que em altas vozes partiam do bocas infâns!

José do Patrocínio, com a nobreza do seu carácter e sua penha autorizada, fez o mitigado de uma corrente, que em breve o passou e estendeu-se de Nortão sul do Imperio, criou aquela «fraterna» organizada que vos sou estreio e no «Polytechnic» não perdiu a parada sincronizada que aí se quarenta christos fôrça e muros do captivio.

Eu, que percorri o centro de Minas e S. Paulo, ainda me lembra com horror, de ver os cruéis castigos infligidos nas fazendas, aos pobres escravos, pelos mais insignificantes motivos, e até muitas vezes innocentes, avaliava n'aquelle occasião a alegria que ilhes ia p'alma, medindo a grandeza da vossa obra!

Qao scenas tocantes!

E que pureza nos vossos sentimentos, esquivando-se ás lagrimas do gratidão e as bençãos dos infelizes!

Crês que quizera ser escravo para receber então a liberdade.

Quantas verdades ouvi n'aquelle momento, e que ainda repercutem na minha imaginação!

Nesta pequena, mas patriotica província o vosso brado de liberdade fez-se ouvir com agradavel impressão, e em breve será a capital proclamada livre.

Embora ainda se encontrem espíritos tacanhos, inimigos acerimoda liberdade, a vossa causa ha de vingar, porque os brilhantes da fidalgaria e a grandeza dos escravocratas estão offuscados pelas lagrimas da escravidão.

## ABOLICIONISTA

Infelizes captivos, ensinae a vossos  
innocentes filhos a pronunciar com  
respeito e a venerar os dois nomes  
que propagarão, depois do Rio Branco,  
a liberdade no Brasil, collocan-  
do-a na altura de nação civilizada.

E vós, abolicionistas, continuae a  
vossa missão, e não temae a grita  
da canalha.

Ai, d'aquele que ousar se colo-  
car á vossa frente

Um aperto de mãos, amigos

Carvatho Salomé

### O ABOLICIONISMO EM LAGES

O abolicionismo progue!

Não só a capital da província de Santa Catharina tem sido o ponto mais forte no desenvolvimento abolicionista, como também os seus lu-  
gares; notando-se d'entre elles a ex-  
perancosa cidade de Lages, distante  
umas 35 leguas, que, magestoso mérito  
heróico se tem mostrado na luta  
que encara para seu maravilhoso  
adiantamento nobreza.

Alii, se tem trabalhado com ener-  
gia e peritílio sincero e valente.

O esperançoso jovem «Lageano»,  
este qual que se publica lá, poucas  
ou nenhuma vezes nos tem chegado  
as mãos; em uma emancipação, sem  
não feita de caridade e sem um ralo  
de lazo.

Bafejado pela dulcissima brisa da  
anta Liberdade, o espírito do povo  
Lagarense eleva-se ao mais alto dos  
prosídios da Glória.

Das suas senzais a luz se tem apoderado com a mesma velocidade que  
doss e regos daquelles que a intela-  
trão beijando-lhes a front chrys-  
talina e doce como o primeiro beijo  
de Maria nos labios da Nazareno.

E levo ei assim.

Enquanto o abolicionismo não  
traz por de sensala em sensala a sua  
luz vibrante e poderosa, enquanto  
ela não lançar por terra a negra cor-  
rente da escravidão à força dos seus  
hercúeos pulsos, o adiantamento na-  
cional andará sempre em māu es-  
tado progressivo.

Não tardis, ó moçilado Lageanense,  
em arrancar do imenso seio das  
sensalas aquelles que, como nós,  
tem o mesmo direito de serem li-  
vres.

Da-lhes a liberdade da materia  
para que o seu espírito se desenvolva e se eleve ao apogeu dos grandes  
e monumentaes adiantamentos da  
patria.

Avaute, pois.

A. FIGUEREDO.

### Joaquim Nabuco

Ha entidades que por si sós se re-  
commendam á estima e veneração  
pública.

E que a reputação firma lá em um  
passado glorioso e aureolado pelas  
esperanças de um porvir risonho e  
feliz, assim o exige daquelles que  
não podem deixar de ajoelhar-se de-  
ante dos grandes apostolos da grande  
redenção, em que actualmente se  
empenham os amigos dos miseráveis  
escravos.

Ainda hontem tivemos occasião de  
proclamar nos arraiaes pacíficos do  
abolicionismo a brillante vitória,  
que o partido emancipador conseguiu  
em luta com não pequeno nú-  
mero de escravocratas, sob a capa  
de liberaes em idas, seri crônicas e  
sem fé.

Il que é a vitória conseguida por  
Joaquim Nabuco sobre o candidato  
escravista em Pernambuco.

No 1º e-crutínio, apesar da fúria,  
desgatamento dos escravagistas de  
Recife, obteve Joaquim Nabuco  
maioria sobre o seu competidor na  
luta.

Entretanto que mais uma vitória  
se conseguira em profunda causa dos  
captivos; não venceu a prepotência,  
não venceram as exigências políticas;  
porque hoje a grande idéa dominava e  
avassala todos os corações dos brazi-  
leiros, que extremo em pelo pro-  
gresso de seu paiz.

Joaquim Nabuco, que passou para  
o Rio de Janeiro, onde na camara  
parlamentar com a pujança de sua  
palavra eloquente e pulverisadora  
vae sustentar a causa sympathetic  
legítima, porque tanto tem tra-  
balhado, não ponde visitar-nos, visitar  
a esta heroica província, por moti-  
vos alheios a sua vontade, de outra  
sorte, estamos certos, elle viria dar  
um brado de animação a este povo  
generoso, a quem se quer illudir  
com as lantejoulas de uma eloqua-  
cia, que fascina aos pobres de espi-  
ritos, como os amercilentes claras  
dos anjos do inferno.

(Continua)

### NOTICIARI

Regressou de sua viagem ao  
norte da província, onde foi na  
comissão fiscal brasileira da es-  
trada de Ferro D. Pedro I, o nos-  
so distinto redactor e collega  
Pedro Freitas Cardozo.

Folgamos de vel-o a par de sua  
familia e de seus amigos.

Comprimentamol-o.

### AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Causas sérias e justificaveis  
motivaram o desapparecimento  
por algum tempo da nossa novel  
folha; porém, revestidos de an-  
imo vivo e ardente, havemos de  
continuar caprichosos a combater  
febrilmente a escravidão; sendo  
então d'ora em diante quinzenal  
a publicação do «Abolicionista».

A bandeira a que nos abriga-  
mos é de luz; e, portanto, nunca  
esmorecemos.

### DR. REMEDIOS MONTEIRO

Este nosso distinguido ali-  
go e companheiro tem-nos envia-  
do da Bahia scintillantes produc-  
ções, fundadas em bases solidas  
e inabalaveis, acerca do aboli-  
cionismo.

De sua lavra publicamos ho-  
je um artigo bem desenvolvido e  
caliente, para o qual chamamos  
á atenção de todos que se interes-  
sam pela extinção da escravidão  
no Brasil.

Na secção poética encontrará-  
ainda os leitores quatro perfeitos  
sonetos de conhecidos poetas, nos  
enviados também por essa nossa  
sincero e honrado amigo.

O Dr. Remedios Monteiro tem-  
nos dado as mais altas provas de  
impeitivo interesse pela publica-  
ção continua deste periodico; e  
o considerando nós o nosso maior  
animador, aceitando-o como o  
primeiro redactor do «Abolicionista», já que somos frageis para  
colocal-o no lugar de que é di-  
gno.

Com as nossas almas fluctuando  
em luminosas ondas de esperança,  
apertamos extremaidamente a  
mão do nosso novo e illustreadis-  
sim collega.

### TRAÇOS DE LUZ

As Exmas. Sras. D. Francisca  
Candida da Silva e Carlota Leopoldina  
da Silva Lacerda, concederam  
liberdade com condição de serviço  
por tres annos, ao seu escravo Edu-  
ardo, de 45 annos de idade.

Coções como estas é sempre com  
o maior prazer que reproduzimos  
em nossas columnas.

## O escravo

(A' Candido Malta)

Convolso, o peito em odios rebentando,  
O corpo nô, o olhar espavorido,  
Nas dobras do tormento o vi rolando  
Qual velho tronco aos ventos sacudido !

Em lagrimas de sangue soluçando,  
Nos labios a mostrar atroz gemido,  
Delirante passava tropeçando  
Ao peso das correntes já vencido !

E enquanto o miseravel arrastava  
A negra vida aos golpes da amargura,  
O asqueroso senhor alli manchava.

Pela trêta da noite horronda, escura,  
Da pobre irma, da meiga e doce escrava,  
A virginal, a casta formosura !

BITTENCOURT SAMPAIO JUNIOR.

## Na fazenda

(A' Bittencourt Sampaio Junior)

Anunciava a orchestra um voluptuoso  
Tango e na sala, subito, as lascivas  
Mocas vão-se movendo ao cadencioso  
Querbo gentil nos braços dos cônivias.

Exibiriam-se as vestes de elevados  
Preços, o luxo e as joias scintillando  
A lactea flor dos collos desnudados.  
Subitamente o deliroso bando

Parou, attento e curioso ouvindo.  
Na profunda mudez da noite infindo  
Gemir da escrava que o feitor zurzia,

Como num contraste então a essa pungente  
Dôr, das sonoras musicas, fremente  
Gorgejava, a ospaço, um trecho de harmonia.

ENÉAS GALVÃO.

## Contraste

( A' Bittencourt Sampaio )

Esplendia era a noite; deslisava  
Pela amplidão azul, mansa e serena  
A pensativa lua que acarava  
A terra aos raios de uma luz amena.

N'uma elegante casa illuminada  
Reinava alegre a festa, e sonorosa  
A musica espandia-se enlevada  
N'aquelle clara noite tão formosa.

E tudo era praze; n'este ambiente  
Das flores o perfume ressendece  
Subtil corria em ondas pelo ar !

... Quando calava a musica festiva,  
Ouvia-se uma voz distincta e viva  
—De um triste escravo em triste solugar !

ALFREDO DUARTE.

## O naufragio

O extenso mar do seculo indomavel,  
Vâmente, Escravidão ! transpôr intentas:  
Cospe-te ao bojo o sôpro das tormentas  
Treme de medo à Força imperturbavel.

Embalado o pulso a os fracos accorrentus  
E prossegues na rôta miseravel:  
Has de tombaria perfida e execravel  
Lucta manchada de extorsões sangrentas.

Perto, esse mar, quo temes, se alevaria,  
Ruge, doudo, frenetico, com tanta  
Furia que já nos mastros te arrebenta.

Não no mar da vingança, em mar de lama  
Deveria afundar-te essa tormenta,  
Que em torno a ti sacide a raiva e brama...

J. DIAS DA ROCHA.

## Effeitos de luz

(Ao distinto poeta J. Dias da Rocha)

(Improviso)

Vamos, à tarde, vêr, na romaria,  
Aquelle doce bando de iriancas  
A correr... a correr, d'ima alegria  
Nas esplendidas aza, das espr'aças.

Do triste captiveiro a ferrea corda  
Já não lhes rôca os pequeninos pulsos !...  
— E que o Frazil altojá se acorda  
Do lethargo onde estava entre soluções !

Vamos vêr... as criancas lá parecem  
Que são anjos gentis que dos céus descem  
N'um concerto de musicas vibrantes...

E vivem sempre a rir... e... tão contentes  
Que nos elevão e fazem-nos dententes  
Da Liberdade aos dulcidos diamantes !

ARAUJO FIGUEIREDO.

(Esboços Modernos)